



Maria Irene da Fonseca e Sá (2021). A velhice nos romances de José Saramago. In Joaquim Pinheiro (coord.), *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares*, vol. II, pp. 103-115.

DOI: 10.34640/universidademadeira2021sa

ISBN: 978-989-8805-65-2

Nota de edição: Respeitou-se a norma ortográfica seguida pelos Autores.

© CDA, Universidade da Madeira

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os capítulos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.



A velhice nos romances de José Saramago

MARIA IRENE DA FONSECA E SÁ

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

mariairene@facc.ufrj.br

enviado a 23/12/2020 e aceite a 01/02/2021

Resumo

Saramago, através das falas das personagens de seus romances, busca fazer com que seus leitores se questionem e questionem o mundo em que vivem. Neste sentido, a questão que norteou este trabalho foi: Como é retratada a velhice e a finitude da vida nos romances de Saramago? Para tal, teve por objetivo buscar, em algumas das obras de José Saramago, personagens idosas que através de seus discursos levem os leitores à reflexão sobre as diferentes preocupações que afligem a sociedade contemporânea, especialmente na velhice. O próprio Saramago afirmava que escrevia para pensar sobre circunstâncias da vida que o inquietavam. É fato que grande parte da obra de José Saramago foi produzida quando ele já era uma pessoa idosa. Assim, desde a saga dos Mau-Tempo de *Levantado do chão*, passando pelo oleiro Cipriano Algor de *A caverna*, e chegando ao elefante Salomão de *A viagem do elefante*, Saramago faz uso de personagens simples, comuns, para questionar o mundo em que vivemos e leva seus leitores à reflexão sobre a velhice e a finitude da vida, que sempre chegam.

Palavras-chave: José Saramago; velhice; personagens idosas; mundo; finitude da vida.

Abstract

Saramago seeks to make his readers question themselves and the world they live in through the lines of the characters in his novels. Thus, the question that guided this work was: How is old age and the finitude of life portrayed in Saramago's novels? To this end, it aimed to seek, in some of José Saramago's works, for elderly characters who through their speeches lead the readers to reflect on the different concerns that plague contemporary society, especially in old age. Saramago himself stated that he wrote to think about life circumstances that troubled him. It is a fact that much of José Saramago's work was produced when he was already an elderly person. Thus, from the Mau-Tempo saga of *Levantado do chão*, to the potter Cipriano Algor from *A caverna*, and the elephant Salomão in the *A viagem do elefante*, Saramago makes use of simple, common characters, to question the world in which we live and leads his readers to reflect on old age and the finitude of life, which always arrives.

Keywords: José Saramago; old age; elderly characters; world; finitude of life.

Introdução

Saramago utiliza personagens comuns para compor seus romances. Ele enfatiza que: “[...] nos meus livros não há heróis, não há gente muito formosa [...]” (Saramago, 2013, p. 28) e afirma: “Reflico e escrevo sobre pessoas comuns porque essa é a gente que conheço.” (Saramago, 2013, p. 35). Uma forte influência vem de seus avós, Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha, com quem muito conviveu na aldeia de seu nascimento, Azinhaga, na província do Ribatejo.

Em sete de Dezembro de 1998, quando recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1998, José Saramago inicia seu discurso na Academia Sueca com as seguintes palavras: “O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever.” (Saramago, 1998, p. 7). E passa a descrever como era sua vida com os avós, criadores de porcos, na aldeia. Ele fala de seus avós com emoção e admiração. “[...] este foi meu avô Jerônimo, pastor e contador de histórias,

que, ao pressentir que a morte o vinha buscar, foi despedir-se das árvores do seu quintal, uma por uma, abraçando-se a elas e chorando porque sabia que não as tornaria a ver.” (Saramago, 1998, p. 9). Assim, Saramago relata a sabedoria de seu avô idoso, que estava consciente de sua finitude, mas já saudoso daquelas árvores que tinham sido companheiras de sua vida, acompanhando suas dores e sofrimentos e oferecendo a sombra e acalento nos momentos difíceis, como também testemunhas dos momentos de festa e felicidade, acolhendo os sonhos, o sono e o descanso, que por certo também ocorreram. Também, fala de seu sentimento pela avó e da sabedoria dela: “Pensava então que a minha avó, embora fosse também uma mulher muito sábia, não alcançava as alturas do meu avô, esse que deitado debaixo da figueira, tendo ao lado o neto José, era capaz de pôr o universo em movimento com apenas duas palavras.” (Saramago, 1998, p. 9). No entanto, é a avó que fala da morte que se avizinha: “O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer.” (Saramago, 1998, p. 9), revelando que, apesar de todos os trabalhos e canseiras da vivência, a vida valia a pena de ser vivida e o mundo tinha muita beleza para ser vista e admirada.

Saramago reúne as crônicas publicadas no jornal *A Capital* (1968-1969) no livro *Deste mundo e do outro*. Um desses textos é *Carta para Josefa, minha avó*. Nele, Saramago proclama:

Tens noventa anos. És velha, dolorida. [...] Não sabes ler. [...] Não sabes nada do mundo. Não entendes de política, nem de economia, nem de literatura, nem de filosofia, nem de religião. Herdaste umas centenas de palavras práticas, um vocabulário elementar. Com isto viveste e vais vivendo. [...] Chegas ao fim da vida, e o mundo ainda é, para ti, o que era quando nasceste: uma interrogação, um mistério inacessível, uma coisa que não faz parte da tua herança [...] Aperto a tua mão calosa, passo a minha mão pela tua face enrugada e pelos teus cabelos brancos [...] Fostes bela, dizes, e bem vejo que és inteligente. Por que foi então que te roubaram o mundo? (Saramago, 2010, pp. 27-28).

Nessa crônica, uma poesia, Saramago enaltece a sua avó, que através de sua simplicidade e vida de camponesa deixa transparecer toda a sua inteligência e sabedoria. Saramago conclui que “O mundo continuará sem ti – e sem mim.” (Saramago, 2010, p. 29). É a natureza da vida.

Na crônica *O meu avô, também* Saramago fala de seu avô idoso:

Mas o homem que assim se aproxima, vago, entre cordas de chuva que parecem diluir o que na memória não se perdeu, é meu avô. Vem cansado, o velho. Arrasta consigo setenta anos de vida difícil, de desconforto, de ignorância. E, contudo, é um homem sábio, calado e metido consigo, que só abre a boca para dizer as palavras importantes, aquelas que importam. [...] Mas a imagem que me não larga é a do velho que caminha sob a chuva, obstinado e silencioso, como quem cumpre um destino que nada pode modificar. A não ser a morte. (Saramago, 2010, pp. 32-33).

Assim, Saramago realça a persistência e a sabedoria de seus avós e também o quanto eles o influenciaram quanto à percepção do mundo. Em *Discursos de Estocolmo*, Saramago afirma:

Muitos anos depois, escrevendo pela primeira vez sobre este meu avô Jerónimo e esta minha avó Josefa [...], tive consciência de que estava a transformar as pessoas comuns que eles haviam sido em personagens literárias e que essa era, provavelmente, a maneira

de não os esquecer, desenhando e tornando a desenhar os seus rostos com o lápis sempre cambiante da recordação [...] (Saramago, 1998, p. 9).

Portanto, os avós Jerónimo e Josefa de Saramago, pessoas idosas na lembrança de Saramago, foram inspiração e modelo para o desenvolvimento das personagens dos romances de Saramago. Assim, geralmente, as personagens idosas nos romances de Saramago são seres humanos simples, comuns, mas que demonstram sabedoria e conhecimento sobre o funcionamento da humanidade e do mundo. Desta forma, talvez não seja verdade a fala de Saramago sobre sua convivência com sua avó: “Não teremos dito um ao outro o que mais importava.” (Saramago, 2010, p. 29). Os avós de Saramago disseram muito a Saramago através do seu modo de agir e pensar a vida e a morte. E Saramago diz muito a seus avós através das falas e ternura das personagens de seus romances.

O anúncio do Prêmio Nobel de Literatura 1998, concedido a José Saramago, foi feito com a fala: “[...] que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia torna constantemente compreensível uma realidade fugidia” (Nobel Prize, 1998). Assim, foi dito que os romances de Saramago são parábolas que buscam levar o leitor à compreensão da realidade do mundo em que se vive, no qual o ser humano não tem prioridade, como Saramago tinha o hábito de afirmar.

Alguns estudiosos corroboram com essa visão e falam da obra de Saramago.

Lopes diz que: “Numa visão de conjunto, o traço dominante mais inovador parece confluir para o fato de estarmos agora diante de alegorias que funcionam como distopias de um Mundo abandonado pela razão” (Lopes, 2011, 101). É o mundo irracional que os avós de Saramago foram incapazes de compreender, mas no qual viveram e aprenderam a ser persistentes. Lopes fala explicitamente dos romances *O homem duplicado* e *A caverna*: “Ambas as obras são como que metáforas para a alienação dos seres humanos face ao Mundo e a si mesmos devido à interposição de coisas mercadorizadas e desprovidas das relações sociais de trabalho criador pelo poder demoníaco do dinheiro” (Lopes, 2011, p. 113). Nesses romances, Saramago encaminha seus leitores para pensarem sobre a alteridade e a compaixão. Ver e enxergar o outro nas suas necessidades e peculiaridades, principalmente os idosos.

Por sua vez, Aguilera afirma: “Suas fabulações pensavam e faziam pensar, até se postularem, metaforicamente, como uma espécie de ensaios com personagens” (Aguilera, 2014, p. 74). Assim, Aguilera realça a força das personagens que levam os leitores a refletirem sobre o que estão a ler e a construir suas verdades.

José Saramago nasceu em 1922 e em 1947, com 25 anos, publicou o romance *Terra do Pecado*. Em 1953 tenta publicar *Claraboia*, no entanto a Empresa Nacional de Publicidade, à qual havia submetido o texto, não responde e Saramago vai trabalhar como tradutor na Editorial Estúdios Cor. Em 1966, quase 20 anos após publicar *Terra do Pecado*, ele publica *Os Poemas Possíveis* e passa a escrever crônicas. No entanto, é em 1980 que Saramago inaugura o estilo Saramaguiano com a publicação do romance *Levantado do Chão*, o primeiro êxito de público e de crítica. Com esse romance, Saramago recebe o *Prêmio Cidade de Lisboa*. Nessa época, Saramago já tinha 58 anos e estava prestes a se tornar uma pessoa idosa.

Em 1982, Saramago publica *Memorial do Convento*, um dos romances mais lidos da obra de Saramago, e inicia-se a tradução dos romances de Saramago para outras línguas. Portanto, Saramago é reconhecido como escritor a nível mundial quando já se aproxima da terceira idade,

segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS). Neste contexto, Saramago coloca nas falas de suas personagens idosas reflexões e preocupações que, provavelmente, vivenciava e sentia.

Em seguida, passa-se a descrever alguns romances de Saramago que fazem uso de personagens idosas ou que tem por temática a velhice e a finitude da vida.

Levantado do Chão (publicado em 1980) – João Mau-Tempo (67 anos)

Nesta obra é descrita a vida de uma família de trabalhadores rurais (os Mau-Tempo) da região do Alentejo, desde o começo do século XX até logo após o 25 de abril de 1974. Saramago, através da vida de três gerações da família de camponeses Mau-Tempo, denuncia a exploração, o desemprego, a fome e a miséria. Porém, descreve também a tomada de consciência política do trabalhador rural, assim como, o aprendizado na luta pelo direito ao trabalho e pela posse da terra. Ou seja, ele relata a aprendizagem da transformação, através dos muitos sacrifícios, conflitos, fomes, desastres, mas também vitórias e amores.

O próprio Saramago proclamou no *Discurso de Estocolmo*:

Três gerações de uma família de camponeses, os Mau – Tempo [...] passam nesse romance a que dei o título de *Levantado do Chão*, e foi com tais homens e mulheres do chão levantados, pessoas reais primeiro, figuras de ficção depois, que aprendi a ser paciente, a confiar e a entregar-me ao tempo, a esse tempo que simultaneamente nos vai construindo e destruindo para de novo nos construir e outra vez nos destruir. Só não tenho a certeza de haver assimilado de maneira satisfatória aquilo que a dureza das experiências tornou virtude nessas mulheres e nesses homens: uma atitude naturalmente estoica perante a vida. (Saramago, 1998, p. 12).

Assim, Saramago ressalta a riqueza do aprendizado da população camponesa e de como a passagem do tempo e as experiências vivenciadas contribuíram para a construção da sabedoria numa população simples e desprovida de bens.

Ao final de 1981, foi atribuído o Prêmio Cidade de Lisboa a *Levantado do Chão*. Na cerimônia de entrega do prêmio, em junho de 1982, Saramago afirma que “*Levantado do Chão* fala de trabalhadores, Aprendamos um pouco, isso e o resto, o próprio orgulho também, com aqueles que do chão se levantaram e a ele não tornam, porque do chão só devemos querer o alimento e aceitar a sepultura, nunca a resignação.” (Saramago, 2012). Nesta fala, Saramago exalta a persistência e a nobreza da gente simples/comum: pobres, mas honrados e trabalhadores.

Saramago alerta os leitores, no próprio romance *Levantado do Chão*, quanto à questão da velhice e sua classificação:

No geral do latifúndio, os homens e as mulheres têm seu tempo regateado de vida, espanta-se a gente de como alguns vão a velhos, e muito mais quando, passando, encontramos um que à vista é ancião e ouvimos dizer que tem quarenta anos, ou esta mulher murcha e com a face encorreada, ainda não fez trinta [...] (Saramago, 2012, pp. 327-328).

Neste sentido, Saramago fala a seus leitores da tarefa árdua dos camponeses daquela época, envelhecidos pelo trabalho penoso e pelas constantes dificuldades de subsistência.

Uma das personagens principais do romance é João Mau-Tempo, que no princípio do romance é um bebê, passa pelas agruras do latifúndio e morre ao final do romance. Quando ocorre a morte de João Mau-Tempo, o narrador do romance proclama: “[...] ah velhice, e no entanto este homem tem só sessenta e sete anos[...].” (Saramago, 2012, p. 347). Saramago chama a atenção do leitor para a idade da personagem. Era um velho! No entanto, em sociedades desenvolvidas, um homem de sessenta e sete anos ainda tem muito para viver e até para produzir. O próprio Saramago produziu muito após os sessenta e sete anos.

A personagem João Mau-Tempo está á frente da luta, na tomada de consciência política do trabalhador rural e na luta pelo direito ao trabalho digno e com justa remuneração. A fala dele denuncia a escravidão e a falta de justiça:

Cansamo-nos a trabalhar de noite e de dia, quando há trabalho, e não aliviámos o nosso castigo na vida faminta, covo uns bocaditos de terra quando nos dão para cultivar, e até altas horas, e agora é um geral desemprego, o que eu queria era saber por que são estas coisas e se vai ser assim até morrermos todos, não há justiça se uns têm tudo e os outros nada [...] (Saramago, 2012, p. 212).

E, persistente, explica “[...] o pessoal está em luta pelas oito horas de trabalho e os patrões não querem vir ao acordo, por isso estamos em greve [...]” (Saramago, 2012, p. 340). Assim, Saramago retrata a personagem João Mau-Tempo como um homem destemido que busca a garantia de direitos trabalhistas para si e para as gerações futuras. É a demonstração da força, da persistência, da coragem e da sabedoria num mundo de desigualdades e de discriminação aos menos favorecidos.

***Jangada de Pedra* (publicado em 1986) - Pedro Orce (mais de 60 anos)**

Neste romance são relatados acontecimentos sobrenaturais que culminam na separação da Península Ibérica do continente europeu. A Península Ibérica vai navegando no Oceano Atlântico e estaciona entre a África e a América. Saramago tece comentários sobre as grandezas e pequenezas da vida e ironiza as autoridades e os políticos.

Saramago fala deste romance no *Discurso de Estocolmo*:

[...] o romance que então escrevi - *A Jangada de Pedra* – separou do continente europeu toda a Península Ibérica para a transformar numa grande ilha flutuante, movendo-se sem remos, nem velas, nem hélices em direção ao Sul do mundo, “massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e os seus animais”, a caminho de uma utopia nova: o encontro cultural dos povos peninsulares com os povos do outro lado do atlântico [...] As personagens da *Jangada de Pedra* – duas mulheres, três homens e um cão – viajam incansavelmente através da península enquanto ela vai sulcando o oceano. O mundo está a mudar e eles sabem que devem procurar em si mesmos as pessoas novas em que irão tornar-se [...] (Saramago, 1998, pp. 15-16).

A separação da Península Ibérica da Europa provoca pânico e desordem, no entanto as cinco personagens, caracterizadas por fatos extraordinários, seguem viagem em direção ao lugar da fissura, sendo conduzidas por um cão.

Um dos homens,” [...] Pedro Orce, de profissão farmacêutica, mais velho do que a imaginação lhes representara [...] é homem passante dos sessenta anos [...]” (Saramago, 2006, p. 69), é um espanhol que sente a terra tremer. E é ele que propõe: “E se fôssemos à costa ver passar o rochedo.” (Saramago, 2006, p. 72). E, assim, começa a viagem das personagens do romance *A Jangada de Pedra*.

Pedro Orce, um idoso, é o homem que faz amizade e se entende com o cão: “O Homem põe, o cão dispõe [...] põs-lhe a mão sobre a cabeça. O cão cerrou os olhos sob o afago, duma maneira pungente, se tal palavra tem cabimento, é de cães que vimos falando, [...] e depois levantou-se, fitou os humanos um por um, deu-lhes tempo para entenderem e começou a andar” (Saramago, 2006, p. 131). O cão Constante vai ser o companheiro de Pedro Orce até a morte desse homem. “Velho ou cansado já vai estando o coração de Pedro Orce. Agora tem de repousar amiúde e mais tempo de cada vez, mas não desiste, conforta-o a presença do cão.” (Saramago, 2006, p. 166). Saramago descreve os sintomas da aproximação do fim da vida.

Neste romance Saramago associa a morte à solidão, quando afirma: “Pedro Orce, que está velho e tem já de morte o primeiro sinal, que é a solidão [...]” (Saramago, 2006, p. 189). E, desta forma, anuncia a morte eminente de Pedro Orce. No entanto, é Pedro Orce, homem idoso, que com sabedoria afirma: “[...] cada um de nós vê o mundo com os olhos que tem, e os olhos vêem o que querem, os olhos fazem a diversidade do mundo e fabricam as maravilhas, ainda que sejam de pedra, e as altas proas, ainda que sejam de ilusão” (Saramago, 1986, p. 189) e “[...] não tem conta o número de respostas que só está à espera das perguntas” (Saramago, 2006, p. 236). Portanto, é através da fala de uma personagem idosa que Saramago demonstra a sabedoria do ser humano ao falar dos sonhos que alimentam a vida humana e das verdades que necessitam de ser exploradas.

Pedro Orce morre ao final do romance, a península estaciona, todas as mulheres estão grávidas e a esperança de novos tempos e nova vida é renovada. Lopes questiona: “Da separação provinha uma outra Península Ibérica e, quiçá, uma outra Europa?” (Lopes, 2011, p. 82). Será possível que Espanha e Portugal possam caminhar juntos partilhando suas culturas de forma harmoniosa e buscando a convivência pacífica com os povos mais pobres do sul, que em tempos passados foram suas colônias? Poderá haver outra forma da Península Ibérica existir? Há que fazer perguntas para obter-se investigação e respostas.

***Ensaio sobre a Cegueira* (publicado em 1995) - o velho da venda preta (velho)**

A irracionalidade do mundo contemporâneo foi a mola propulsora para o desenvolvimento deste romance. *O Ensaio sobre a Cegueira* pode ser considerado um romance cruel, com descrição de episódios que remetem às necessidades básicas do ser humano. O autor leva seus leitores numa terrível viagem, onde ficam evidentes as necessidades básicas do ser humano em detrimento de valores morais e éticos. A cegueira alcança a todos, com exceção de uma única personagem, a mulher do médico, que procura manter-se racional.

Saramago vem lembrar a seus leitores, através da fala da mulher do médico, “A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (Saramago, 1995, p. 241). É um livro sobre valores e sentimentos: a ética, o amor e a solidariedade.

Lopes fala do sofrimento do narrador:

Ao *Expresso*, por exemplo, referiria que: “O tempo da escrita, sobretudo nos últimos tempos, foi de sofrimento, de momentos em que me sentia incapaz de aguentar aquilo que estava a escrever [...] Foi como se tivesse dentro de mim uma coisa feia, horrível, e tivesse que sacá-la. Mas não saiu, está no livro e está dentro de mim” (28 de outubro de 1995). (Lopes, 2011, p. 108).

Sofreu Saramago ao escrever o livro e sofrem todos os leitores ao se deparar com cenas que retratam o cotidiano da humanidade.

No romance, uma das personagens é denominada como o velho da venda preta. A descrição da chegada dele ao manicômio, onde eram colocados todos os que perdiam a visão, é:

Um velho com uma venda preta num dos olhos veio da cerca. [...] Tinha sido o primeiro a tropeçar nos mortos, mas não gritou. Deixou-se ficar com eles, ao lado deles, à espera de que voltassem a paz e o silêncio. [...] Devagar, com os braços estendidos, buscou o caminho. Encontrou a porta da primeira camarata da ala direita, ouviu vozes que vinham de dentro, então perguntou. Há aqui uma cama para mim.” (Saramago, 1995, p. 115).

Assim, é retratada uma pessoa cautelosa, que com tranquilidade vai vencendo os obstáculos e resolvendo os problemas, apesar das adversidades. É este homem que relata o que está acontecendo fora do manicômio. Ele diz: “[...] assim está o mundo feito, que tem a verdade muitas vezes de disfarçar-se de mentira para chegar aos seus fins” (Saramago, 1995, p. 126), expressando seu entendimento sobre o funcionamento do mundo e da humanidade.

Na obra ele vive uma história de amor com a rapariga dos óculos escuros e declara seu amor para a amada: “[...] o homem que eu ainda sou gosta da mulher que tu és [...] Na minha idade o ridículo mete medo” (Saramago, 1995, p. 291). Enfim, é o amor na idade madura, semelhante ao amor de Saramago por Pilar, mas que vence todo o tipo de preconceito.

Saramago encerra o romance com o pensamento da mulher do médico: “Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.” (Saramago, 1995, p. 310). É o alerta de Saramago para seus leitores sobre a humanidade que cega não percebe o seu semelhante. É a irracionalidade do mundo contemporâneo.

***Todos os Nomes* (publicado em 1997) - a senhora do rés-do-chão (senhora de muita idade)**

É a história de um funcionário público da Conservatória dos Registos Centrais que resolve pesquisar sobre um nome e, obstinadamente, busca informações sobre essa pessoa. “[...] há uma mulher que está morta e que é o pólo de tudo aquilo que vai sucedendo” (Saramago apud Silva, 2009, p. 109). Saramago provoca a reflexão sobre a vida e a morte. Uma pessoa não está morta enquanto alguém pensa nela e tem sentimentos por ela. Saramago afirmou que escrevia porque não queria morrer. “Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar o espaço da vida.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 206). Enquanto houver leitores de Saramago, ele estará vivo.

Sobre o romance *Todos os Nomes*, disse Saramago (2011, p. 13): “Um romance que se chama *Todos os Nomes* e onde não haverá nomes...Ter dito todos os nomes seria uma boa razão para não escrever nenhum.” Apenas um nome: José. Um homem simples, humilde e solitário, escrevente por ofício, inconformado com a escrita da vida. A mulher desconhecida, uma mulher divorciada e suicida, tem a capacidade de dar valor e motivação à vida de José. Assim, José, o homem simples, apagado, da Conservatória, exclama “Nada no mundo tem sentido” (Saramago,

1997, p. 274). E, ainda, “[...] na vida não faltam coisas por explicar” (Saramago, 1997, p. 266). E, vai investigar a vida e a morte da mulher desconhecida. Há o que explorar e explicar. Deste modo, Saramago provoca a reflexão sobre o sentido de se estar no mundo.

A personagem senhora do rés-do-chão é apresentada da seguinte forma: “No rés-do-chão direito vive uma senhora de muita idade” (Saramago, 1997, p. 53). É ela que fala com José da convivência e do amor: “[...] perdoa-se porque se ama, ama-se porque se perdoa” (Saramago, 1997, p. 63). É a chave para a convivência: amor e perdão devem andar juntos, que a senhora idosa, já bastante vivida e experiente, apresenta para José.

Ela também denuncia um dos maiores problemas dos idosos: “[...] não tenho ninguém com quem falar” (Saramago, 1997, p. 65). E, assim, tem longas conversas com José sobre o sentido da vida e da morte: “É o que a morte tem de bom, com ela acaba-se tudo” (Saramago, 1997, p. 194), “[...] não há vida sem mentiras [...] não é possível enganar a morte.” (Saramago, 1997, p.199) e “[...] quando chegamos a velhos e percebemos que se nos está a acabar o tempo, dá-nos para imaginar que temos na mão o remédio de todos os males do mundo” (Saramago, 1997, pp. 199-200). Ela é capaz de levar ternura ao solitário escrevente José: “[...] ela manteve a minha mão agarrada e levou-a aos lábios. Nunca na minha vida uma mulher me tinha feito isto, senti-o como um choque na alma, um estremecimento do coração” (Saramago, 1997, p. 200). Portanto, é através da conversa dessa personagem com José que são expostas reflexões sobre o viver de um ser idoso e é manifestada a ternura da idosa.

Quase ao final do romance, o chefe da Conservatória proclama: “Assim como a morte definitiva é o fruto último da vontade de esquecimento, assim a vontade de lembrança poderá perpetuar-nos a vida.” (SARAMAGO, 1997, p. 209). Portanto uma pessoa não morre enquanto está viva na lembrança de outra. É a conclusão da reflexão sobre a vida e a morte de um ser.

A *Caverna* (2000) – Cipriano Algor (64 anos)

Acompanhando e analisando o processo de globalização da sociedade, Saramago escreve o romance *A caverna*, no ano 2000. O romance é uma metáfora da vida em que os seres humanos praticam os mesmos gestos, têm a mesma cultura, consomem os mesmos produtos e vivem da mesma forma. Saramago traz sua crítica para a sociedade de espetáculos que se cristaliza no poder das novas tecnologias e nos grandes centros comerciais, em que o ser humano não perde o emprego, mas a função. É a sociedade da exibição na qual prevalecem os verbos comprar e vender. É um romance que fala de mudanças e de como elas são percebidas e assimiladas pelo ser humano.

A personagem Cipriano Algor é apresentada no primeiro parágrafo do romance: “ O homem que conduz a camioneta chama-se Cipriano Algor, é oleiro de profissão e tem sessenta e quatro anos” (Saramago, 2000, p. 11). Já no princípio do romance, Cipriano Algor é avisado da falta de mercado para os seus produtos artesanais: “Pode dizer-me o que é que fez que as vendas tivessem baixado tanto, Acho que foi o aparecimento aí de umas louças de plástico a imitar o barro, imitam-no tão bem que parecem autênticas, com a vantagem de que pesam muito menos e são muito mais baratas” (Saramago, 2000, p. 23). Assim, Cipriano Algor percebe que aquilo que sempre fez não é mais necessário e ele proclama: “[...] trabalhas, trabalhas e trabalhas, e um dia [...] dizem-te que o que fizeste não serviu para nada” (Saramago, 2000, p. 43). É a

denúncia de um mundo globalizado onde a produção artesanal não tem lugar. Cipriano Algor passa a fazer considerações sobre o mundo globalizado.

Os diálogos entre o pai, Cipriano Algor, e a filha, Marta, são muito ricos e sábios, apesar da simplicidade das personagens. Ela diz ao pai: “[...] gosto de conversar consigo como se não fosse meu pai, gosto de fazer de conta, como diz, de que somos simplesmente duas pessoas que se quer muito, pai e filha que se amam porque o são, mas que igualmente se queriam com amor de amigos se o não fossem.” (Saramago, 2000, p. 67). As falas de pai e filha demonstram a cumplicidade e o amor que existe entre os dois.

Refletindo sobre a finitude da vida, Cipriano fala para Marta: “A véspera é o que trazemos a cada dia que vamos vivendo, a vida é acarretar vésperas como quem acarreta pedras, quando já não podemos com a carga acabou-se a transportação, o último dia é o único a que não se pode chamar véspera” (Saramago, 2000, p. 76). Assim, o idoso Cipriano Algor manifesta seu entendimento sobre a morte. E sobre o ato da leitura, Cipriano diz a Marta:

[...] há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa (Saramago, 2000, p. 77).

Nessa fala, Saramago, através de Cipriano, esclarece que quem lê deve buscar o entendimento do que leu. Talvez seja uma crítica aos analfabetos funcionais que leem, mas são incapazes de apreenderem o significado. No entanto, também pode ser uma crítica aos seres humanos que passam pela vida sem adquirir sabedoria, ou seja, sem conhecimento adquirido pela experiência, pela vivência. Não basta viver, é necessário aprender com a vida.

A viúva Isaura se encontra com Cipriano no cemitério, onde os dois tinham ido para visitar as sepulturas de seus cônjuges. Eles se cumprimentam e falam sobre a substituição de um cântaro que se partira. Cipriano resolve dar um cântaro novo (de seu fabrico) a Isaura que lhe diz: “Muito obrigada, [...] depois do que conversámos lá no cemitério pensei que não há grande diferença entre as coisas e as pessoas, têm a sua vida, duram um tempo, e em pouco acabam, como tudo no mundo.” (Saramago, 2000, p. 62). Outra reflexão sobre a finitude da vida e a aceitação da morte. É poética a forma como ela manifesta o seu amor por Cipriano “[...] quando apertei aquele cântaro contra o peito, realmente era preciso que fosses homem para não compreenderes que te estava a apertar a ti [...]” (Saramago, 2000, p. 348). Assim, mais uma vez é retrato o amor na idade avançada, à semelhança do amor de Saramago e Pilar.

A família de oleiros, liderada pela personagem idosa Cipriano Algor, se recusa a aceitar a realidade do centro comercial, do mundo consumista e da sociedade do espetáculo. Assim, renasce a esperança, voltada para casos isolados e não como fenômeno social, ressaltando o pessimismo de José Saramago.

As Intermitências da Morte (2005) – a velhice e a morte

Neste livro a personagem principal é a morte. O romance é uma discussão filosófica sobre a morte. Nele é discutida a greve da morte durante certo período de tempo, em determinado lugar, e os diversos problemas que tal fato provoca na sociedade envolvida com a sobrecarga de seres humanos inválidos para sempre, que necessitam de cuidados e provocam gastos, mas que

não produzem. É a discussão da morte, ou da falta dela, no plano social e pessoal. O próprio Saramago discorre sobre o livro:

[...] tomei a morte como tema de uma reflexão mais profunda. No livro, uso primeiro uma grande angular e crio uma fantasia em torno de uma suposição: como a ausência da morte afectaria uma sociedade inteira? Depois, fecho a objectiva para um caso específico: a morte materializa-se em personagem e tenta carregar para o além um violoncelista que insiste em não morrer. Procuo demonstrar que a morte é fundamental para o equilíbrio da natureza. (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 330).

Portanto, Saramago, através da greve da morte, encaminha os leitores para a análise de como este mundo, em que se vive, funciona: os idosos que ao final de sua vida são confinados em asilos perdendo contato com seus familiares e não recebendo deles os cuidados necessários; as empresas cujo lema é a produtividade, o ganho, não se preocupando com o ser humano; os representantes do governo sempre objetivando ganhos pessoais e a próxima eleição; as associações ilegais que sempre surgem em momentos de desventura e que servem para, em sua grande maioria, explorar ou tirar benefícios dos menos afortunados e até as religiões que pregam a caridade, mas que não a praticam. E tudo está globalizado! Em todas as partes do mundo acontecem, mais ou menos, os mesmos fatos: a mesma ganância, a mesma falta de caridade, as mesmas iniquidades, as mesmas maldades...

Neste contexto, Saramago questiona: “Porque gastamos tanto tempo a perguntar o que há além da vida? Se nos interrogássemos sobre o que realmente se está a passar aqui na vida, no tempo que nos calhou.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 331), provocando seus leitores para a reflexão sobre o mundo e o agir da sociedade.

Em 2005, quando foi publicado este livro, Saramago já era um homem octagenário. Portanto, um homem que já considerava sua velhice e sua finitude. Assim, ele diz: “[*As Intermittências da Morte*] foi um livro escrito com alegria. [...] É uma alegria que vem não só pelo tom irônico, sarcástico às vezes, divertido, mas também porque é como se me sentisse superior à morte dizendo-lhe “estou a brincar contigo.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 331). E, fala da inevitabilidade da morte e da invisibilidade dos idosos: “Podemos usar cirurgia estética e cosmética, mas a velhice e a morte apenas podemos adiá-las. E no fundo aceleramos um pouco a morte: quando internamos os nossos idosos e os escondemos da nossa vida. O seu fim começa então, nessa invisibilidade.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 184).

No romance, Saramago afirma que “[...] a morte, por si mesma, sozinha, sem qualquer ajuda externa, sempre matou muito menos que o homem.” (Saramago, 2014, p. 119), culpando o ser humano pelas atrocidades contra o seu semelhante. Ao final do romance, fica a dúvida se o amor e a arte triunfam ou não sobre a morte. “A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu.” (Saramago, 2014, p. 229). Talvez, temporariamente, o amor vença a morte.

Saramago conclui sobre o livro e sobre a morte:

Viver eternamente seria estar condenado a uma velhice eterna. Salvo se o tempo parasse. E isso não está no livro. Mas teria também efeitos perversos. No fundo, o livro [*As Intermittências da Morte*] empurra uma porta aberta. Diz aquilo que todos já sabemos:

que temos que morrer. Mas talvez mostre, com mais clareza, que temos que morrer para viver. Se não, a vida seria insuportável (Saramago apud Aguilera, 2010, pp. 331-332).

E, Saramago adverte: “Viver eternamente nunca podia ser uma coisa boa” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 183). É um idoso buscando aceitar a inevitabilidade da morte. Portanto, o romance busca levar o leitor a meditar sobre a vida e a necessidade da morte.

A viagem do Elefante (2008) - vida, velhice e morte

A frase que Saramago usa para iniciar o romance é: “Sempre chegamos ao sítio onde nos esperam.” (Saramago, 2008). O livro relata a viagem que o elefante Salomão faz de Lisboa a Viena. *A viagem do elefante* é um romance no qual Saramago, sempre irônico, faz considerações sobre a natureza humana. E, portanto, o destino final do elefante Salomão é o mesmo destino final de todo ser humano – a morte. É aonde se chega, pois é onde se é esperado. A vida é viagem, que pode ser diferente para cada ser. Mas, o destino final é conhecido.

No romance, o arquiduque diz a Fritz, o cornaca, “Se toda a gente fizesse o que pode, o mundo estaria com certeza melhor.” (Saramago, 2008, p. 253). Assim, é dito que as pessoas se absterem de tomar decisões e buscar ações que contribuam para a melhoria do mundo e da sociedade. Portanto, ficar acomodado e esperar a decisão do outro é sempre mais fácil.

Saramago escreve este romance já bem idoso e doente. Ele fala do romance:

A Viagem do Elefante está muito próxima da nossa própria existência e da nossa própria identidade. O livro não teria sido escrito se a conclusão da vida do elefante não tivesse sido como foi: cortaram-lhe as patas para as usarem como recipiente de guarda-chuvas e bengalas. É uma metáfora da vida humana. No fim a pergunta é sempre: e para quê? O que me levou a escrever o livro foi chegar a esta conclusão prosaica e ridícula.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 337).

Desta forma, neste romance, Saramago reflete sobre a vida: “A vida, porém, tem muitas cartas no baralho e não é raro que as jogue quando menos se espera.” (Saramago, 2008, p. 251). A vida é imprevisível, mas a morte é certa.

Considerações

Saramago, frequentemente, dirigia suas críticas à sociedade contemporânea e afirmava que:

O escritor, se é pessoa do seu tempo, se não ficou ancorado no passado, há-de conhecer os problemas do tempo que lhe calhou viver. E que problemas são esses hoje? Que não estamos num mundo aceitável, bem pelo contrário, vivemos num mundo que está a ir de mal a pior e que humanamente não serve (Saramago, 2009, p. 157).

Neste cenário, um dos problemas que se verifica na sociedade atual é o cuidado (ou a falta de cuidado) com as pessoas idosas. De forma geral, os países estão caminhando de forma acelerada para ter em suas populações uma grande quantidade de cidadãos idosos. Assim, é necessário que se façam reflexões sobre essa fase na vida dos seres humanos. A inclusão de personagens idosas, sábias e ativas, nos romances, propicia a reflexão dos leitores de Saramago sobre o assunto. Como descrito, as personagens idosas dos romances de Saramago são retratadas como pessoas sábias, perseverantes e ternas.

Saramago diz que “[...] os livros levam uma pessoa dentro, o autor.” (Saramago, 1995a, p. 95). E, junto com o autor vão suas preocupações com o mundo e a sociedade, que ele transmite a partir da fala de suas personagens.

O Padre António Vieira faz algumas considerações sobre a vida e a velhice:

Quem haverá que olhe para o mundo com os olhos bem abertos, que veja como todo é nada, como todo é mentira, como todo é inconstância, como hoje não são os que ontem foram, como amanhã não hão-de ser os que hoje são, como tudo acabou e tudo acaba, como todos havemos de acabar e todos imos acabando: enfim, que veja ao mundo bem como é em si, que se não desengane com ele e se não desengane dele?” (Vieira apud Silva, 2013, p. 215).

Portanto, a velhice vem para todos, assim como a finitude da vida.

No entanto, Saramago lembrava que “Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar o espaço da vida.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 206). E, ainda: “Escrevemos porque não queremos morrer. É esta a razão profunda do acto de escrever.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 212). O que Saramago diz é que enquanto os leitores manuseiam, estudam, analisam e interpretam sua obra, ele está vivo. Vivo nos seus escritos e vivo na lembrança de seus leitores. O mesmo ocorre com outras pessoas. Enquanto há algum ser humano que fala, cita, e se lembra, a pessoa continua viva, como continuam vivos os avós de Saramago que se perpetuam na obra de Saramago.

Porém, Saramago afirma que “[...] é bem verdade que não basta gravar o nome numa pedra, a pedra fica, sim senhores, salvou-se, mas o nome, se todos os dias o não forem ler, apaga-se, esquece, não está cá.” (Saramago, 1988, p. 57). Deste modo, não basta ter escrito uma obra, é necessário que a obra seja lida, que ela tenha leitores e que estes se dediquem ao seu estudo e análise.

Finalmente, conclui-se que a velhice é retratada nos romances de Saramago como uma fase da vida com muita sabedoria e perspicácia, mas também com muita ternura e afabilidade. No entanto, são destacadas a solidão e a perda da ocupação profissional como problemas constantes na velhice. O amor é descrito como atemporal e algumas das personagens idosas o viveciam. Quanto à finitude da vida, Saramago lembra que a morte é certa e necessária: “Viver eternamente nunca podia ser uma coisa boa” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 183), principalmente no mundo e na sociedade atual.

Bibliografia

- Aguilera, F.G. (2010). *José Saramago nas suas palavras*. (2a ed.). Alfragide, Portugal: Caminho.
- Lopes, J.M. (2011). *Biografia – José Saramago*. Lisboa, Portugal: Guerra & Paz.
- Nobel Prize (1998). Recuperado em 03 de agosto de 2015 de http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/press-po.html.
- Saramago, J. (1988). *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (1995a). *Cadernos de Lanzarote*: Diário II. Lisboa Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (1997). *Todos os Nomes*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (1998). *Discursos de Estocolmo*. Lisboa, Portugal: Fundação José Saramago.
- Saramago, J. (2000). *A caverna*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Saramago, J. (2006). *A jangada de pedra*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2008). *A Viagem do Elefante*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Saramago, J. (2009). *O Caderno 2*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.

- Saramago, J. (2010). *Deste mundo e do outro*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2011). *Cadernos de Lanzarote: Diário V*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2012). *Levantado do Chão*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2013). *A estátua e a pedra*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- Saramago, J. (2014). *As Intermittências da morte*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Silva, J. C. e. (2009). *Uma longa viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora.
- Silva, P. N. da (2013). *Citações e pensamentos de Padre António Vieira*. Alfragide, Portugal: Casa das Letras.

